APÊNDICE C

ALFABETIZAÇÃO DESVELADA: ARTE COMO LINGUAGEM DE UMA PERSPECTIVA PALEOESTÉTICA

JENNIFER GIDLEY

Publicado em *Integral Review*, 5, 2007

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega e Giovanni Barontini

C1. Introdução

> Mais do que uma história heroica de conquista, segundo Telmo Pievani, podemos descobrir que nossa história é um "tecido urdido de fios muito finos e multicoloridos, como uma trama de interdependências inesperadas, relações desconhecidas, raízes entrelaçadas" (Pievani, 2002, p. 25, citado em De Siena, 2005, p. 410).

Este apêndice – como os outros – é um trabalho em andamento. Ele fornece indicadores para pesquisas futuras decorrentes do artigo principal. Desafia a narrativa dominante da evolução, que afirma que a evolução da consciência é basicamente uma questão de biologia evolucionária clássica. Sugere que o domínio da *arte* – ou da *sensibilidade estética* – pode ser um ponto de partida mais frutífero para a criação de uma nova narrativa *pan-humana*[1] duma consciência autenticamente integral-planetária. A importância da arte – e não de

---

1. O termo *pan-humano* vem do grego *pananthropinon*. Ele tem sido utilizado na literatura acadêmica recente, particularmente em referência à arte mundial (Kimball, 2004) e à poesia grega (Stathatou, 2007).

ferramentas – como base para uma nova taxonomia da evolução cultural com base semiótica foi recentemente proposta por Robert Bednarik,[2] diretor da *International Federation of Rock Art Organizations* (IFRAO) (Bednarik, 2003c). Nessa taxonomia, o termo *Paleolítico* poderia ser substituído pelo termo *Paleoestético*.[3]

As ciências herméticas – conforme discutido no Apêndice 2 – valorizavam a arte e a espiritualidade como os dois pilares que sustentavam suas investigações empíricas. Porém, do século XVIII ao XIX, quando a ciência começou a ser reduzida a uma atividade materialista, perdeu-se a ligação com a arte e o espírito. Embora haja um ressurgimento do interesse em unir ciência e espiritualidade, a importância da *arte* nesse movimento ainda é subvalorizada. Uma ciência espiritual reconstruída – como indicado por Steiner – colocaria a arte de volta no centro de uma nova epistemologia (Steiner, 1964a, 1970, 1972a/1928, 1990b). Nessa perspectiva, a evolução da consciência colocaria em primeiro plano a *micro-história da arte*. Gebser (1985/1949) também coloca a arte – e particularmente a poesia – no primeiro plano da consciência integral (pp. 316-333, 487-505). Wilber, embora não coloque a arte em primeiro plano na sua prática, coloca-a conceitualmente como um dos domínios do que chama de os *Três Grandes*[4] — Arte, Moral e Ciência.

A importância da arte na teoria desenvolvimental e evolucionária já foi proposta em meados do século XX pelo filósofo/poeta educacional Sir Herbert Read (1893-1968). Read (1954) propôs que "a arte – ou usando uma expressão mais exata, a experiência estética – é um fator essencial do qual o *Homo Sapiens*

---

2. O cientista de arte rupestre Robert Bednarik chama a atenção para o eurocentrismo de muitas pesquisas e nomenclaturas paleoarqueológicas. Ele defende o ponto crítico de que, em vez de termos como *Paleolítico* e *Neolítico* – que se referem ao desenvolvimento do uso de ferramentas de pedra – "uma taxonomia cultural derivada da arte é muito superior àquela derivada de ferramentas. Afinal, ferramentas não designam culturas; a arte, sim" (Bednarik, 2006a, p. 2).

3. Embora a *paleoestética* não seja uma área de pesquisa no mundo acadêmico anglófono, o historiador de arte francês Emmanuel Guy usa o termo francês *paleoestetique* para descrever seu estudo das nuances estéticas entre diferentes sítios arqueológicos de paleoarte. http://www.paleoesthetique.com/index.php.

4. Wilber (1997) expande os Três Grandes em relação aos seus quatro quadrantes. "Os 'três mundos' de Sir Karl Popper (subjetivo, cultural e objetivo); o Bom (como base da moral...), o Verdadeiro (a verdade objetiva...) e o Belo (a beleza estética...) de Platão; os três critérios de validade de Habermas (veracidade subjetiva do eu, justeza cultural do nós e verdade objetiva do isto). Historicamente de grande importância, esses são também os três domínios principais das três críticas de Kant: a ciência ou *isto* (*Crítica da Razão Pura*), a moral ou *nós* (*Crítica da Razão Prática*) e a arte e a autoexpressão do *eu* (*Crítica do Julgamento*)" (pp. 71-92).

depende para o desenvolvimento de suas mais elevadas faculdades cognitivas" (p. 143). Com base nesta proposição, e seguindo os ilustres passos do filósofo romântico do século XVIII Friedrich Schiller (1759-1805), Read também afirma que a arte/estética deveria ser o *fundamento* da educação propriamente dita (Read, 1943; Schiller, 1977/1795). A proposta evolucionária de Read levanta a questão: por que a arte/estética[5] permaneceu – na melhor das hipóteses – como um fio condutor tangencial na filosofia educacional, em função de sua aparente importância como catalisador evolucionário? Considero que esta é uma questão central na evolução da pesquisa da consciência, embora tenha recebido pouca atenção no discurso dominante até recentemente.

O estudo e a aplicação da estética têm sido um fio filosófico relativamente menor – mas contínuo – que se estende pelo menos desde os primórdios platônicos da filosofia ocidental até o presente (Bosanquet, 2005). O interesse no significado desenvolvimental e/ou evolucionário da estética – particularmente na educação – também segue uma trajetória semelhante. Nas últimas décadas, vários filósofos pós-modernos e pesquisadores pós-formais em educação e psicologia começaram a ressaltar o significado da arte/estética para a educação e o desenvolvimento psicológico (Abbs, 2003; Arnheim, 1989; Broudy, 1987; Burnham, 2006; Campbell, 1968; Deleuze & Conley, 1992; Derrida, 2001; Gadamer, 2005/1960; Gidley, 1998c; Hutchings, 1999; Jain, 2001; Kaufman, 2005; Kearney, 1998; Kelen, 2002; Kimball, 2004; Koestler, 1989 ; Kristeva, 1982; Lock & Peters, 1999; Montuori, 2003; Montuori, Combs & Richards, 2004; Neville, 1989; Nielson, 2006; Palmer, 2007; Pridmore, 2004; Roy, 2006b; Schindler, 1964; Sinnott, 2005 ; Sloan, 1992; The Mother, 1955; Thompson, 1998; Warren, 1996). Entretanto, há um ponto de discordância em relação à forma como a arte é caracterizada. Perspectivas pós-modernas e críticas que afirmam que a indústria da *alta arte* é elitista (Rose & Kincheloe, 2003; Shiner, 2001) podem ser contrastadas com as concepções de arte mais normativas – até mesmo essencialistas – das narrativas modernistas (Danto, 1986). Convidando à reconciliação, Avila (2003) indica o livro seminal de Shiner (2001), *The Invention of Art: A Cultural History*, que propõe "um pluralismo saudável em que diversas formas de artes e ofícios – em sua riqueza múltipla – podem ser integradas numa vida humana plena como uma gama diversificada de prazeres estéticos, do mundano ao sublime" (p. 403). Um estudo acadêmico completo dessas questões não pode ser realizado aqui.

---

5. Embora reconheça que arte e estética possam ser caracterizadas como domínios distintos, este apêndice não é o lugar adequado para uma distinção conceitual tão matizada.

O objetivo deste apêndice é rastrear fragmentos da narrativa evolucionária que foram criticamente subestimados – as aparentes sensibilidades estéticas de alguns dos primeiros hominídeos e humanos. Limitei este apêndice de duas maneiras: por períodos de tempo e por conteúdo. No que diz respeito à minha delimitação temporal, o foco está nas três primeiras estruturas de consciência de Gebser, arcaica, mágica e mítica – antes do surgimento do pensamento mais abstrato da estrutura mental (c. 800 a.C.) e do pensamento complexo da estrutura integral (que está emergindo nos tempos atuais). A estrutura mental cossurgiu com uma escrita mais abstrata na forma do alfabeto (Poletti, 2002), que é considerado o principal marcador da alfabetização.[6] Em termos de conteúdo, meu foco principal está nas evidências disponíveis para sensibilidades estéticas, com uma delimitação adicional sobre a natureza semiótica da dimensão visual-artística-linguística. Também me referirei brevemente às origens paralelas – e possivelmente ainda anteriores – da dimensão auditiva-musical-oral na evolução da linguagem. Contudo, esta última dimensão exige um estudo específico que vai muito além do escopo deste apêndice.

C2. Uma Unidade Arcaica de Sons e Imagens Originais

> Estamos numa floresta perto duma árvore imponente. O sol acaba de nascer no leste. A árvore, semelhante a uma palmeira, em torno da qual as outras árvores foram removidas, projeta sombras poderosas. A sacerdotisa, com o rosto voltado para o oriente, em êxtase, senta-se num banco feito de plantas e objetos naturais raros. Lentamente, numa sequência rítmica, alguns sons estranhos e constantemente repetidos saem de seus lábios. . . . Aqueles ao seu redor movem-se em danças rítmicas. (Steiner, 1959/1904, p. 82)

Steiner escreveu esta citação como uma representação imaginária da sensibilidade sociocultural-estética que ele afirmava já operar entre os humanos pré-anatomicamente modernos. Ainda há considerável controvérsia acadêmica sobre os detalhes das origens humanas. Existem duas principais posições teóricas:

• A teoria[7] de *curto alcance*[8] postula que houve um salto cultural ou florescimento repentino, principalmente no sudoeste da Europa, durante o que é

---

6. Numa perspectiva eurocêntrica modernista do século XX, o início da alfabetização numa cultura marca o início da sua história. Para uma crítica pós-colonial do eurocentrismo sobre noções modernistas de alfabetização, tidas como certas, ver as críticas à agenda da *Educação para Todos* do *Banco Mundial* (Gidley, 2001b; Jain S. & Jain M., 2003b).

7. Os teorizadores do curto alcance tendem a usar as seguintes expressões: *explosão criativa* – popularizada pelo escritor científico John E. Pfeiffer (Pfeiffer, 1983); *"big bang" da consciência* –

convencionalmente conhecido como o Período Cultural *Aurignaciano* do Paleolítico Superior (40.000-28.000 AP) (Bednarik, 2007). Esta foi a principal teoria em uso na arqueologia durante a maior parte do século XX e propõe que muito pouco aconteceu na evolução humana antes dessa época, ou fora da Europa, mesmo durante essa época. Ela parece estar perdendo credibilidade nas últimas décadas, desde que foram realizadas pesquisas mais sistemáticas sobre arte rupestre fora da Europa. Atualmente ela não parece estar bem sustentada na literatura, exceto por alguns arqueólogos e historiadores de arte (Klein, & Edgar, 2002; Mithen, 2004; Noble & Davidson, 1996; White, 2003)[9]. Alguns proponentes da explosão cultural *aurignaciana* reconhecem que a Paleoarte não ocorria apenas na Europa Ocidental durante esse período, e que – apesar da aparente falta de provas – parece provável que os seres humanos tenham marcado simbolicamente suas paisagens durante períodos de tempo muito mais longos (Chippindale & Tacon, 1998; Watson, 2005).

• A teoria de *longo alcance*[10] propõe que foram lançadas as bases para a aparente emergência cultural/artística repentina ao longo, de pelo menos, várias centenas de milhares de anos, por meio da protolinguagem e da criação de processos e artefatos simbólicos. Embora as evidências para isto tenham sido descobertas até agora apenas em fragmentos, os defensores do longo alcance afirmam que esta falta de evidências é resultado da tafonomia[11] e de fatores geoculturais – como o eurocentrismo e o viés anglófono do discurso (Bednarik, 1992, 1994). O apoio epistemológico para esta teoria provém da antropologia e psicologia evolucionárias (Dunbar, 2003; Dunbar, Knight & Power, 2003; Foster, 1999; Hodgson, 2000, 2003; Sedikedes, Skowronski & Dunbar, 2006); da história da arte (Watson, 2005); da paleontologia (Conway Morris, 2004, 2007; Teilhard de

---

introduzida pelo antropólogo Richard Klein (Klein, & Edgar, 2002); ou, recentemente, *revolução simbólica* (Brumm & Moore, 2005).

8. Embora a maioria dos autores se refira a essas abordagens divergentes como teorias, Bednarik prefere chamá-las de hipóteses (R.G. Bednarik, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007).

9. Na verdade, o livro subsequente do arqueólogo Steven Mithen parece adotar uma visão mais abrangente (Mithen, 2007).

10. A teoria de *longo alcance* é geralmente conhecida na literatura como teoria *gradualista*, mas não deve ser confundida com o gradualismo do darwinismo clássico. Os defensores do longo alcance aceitam uma variedade de fases culturais pontuadas ao longo do processo de duração muito mais longo de 30-40.000 anos (R. G. Bednarik, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007).

11. *Tafonomia* refere-se ao "estudo dos processos que afetam a arte rupestre após sua execução, determinando sua aparência atual e propriedades estatísticas", Glossário IFRAO (Bednarik, 2007, p. 199).

Chardin, 2002/1959); da paleopsicologia (Bloom, 2001); e da ciência da arte rupestre (Bahn, 1994, 2005; Bednarik, (2003b, 2006b, 2007).

Parece-me que está ocorrendo uma tendência a favor das teorias de longo alcance à medida que mais evidências vêm à luz em cantos do globo anteriormente não examinados. Como discutido noutro local, minha investigação aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre a proposição de que pelo menos algum florescimento da consciência e da cultura seja associado a grandes eventos geoclimáticos – como os ciclos de glaciação – que, por sua vez, têm sido ligados por climatologistas a ciclos astronômicos, como os ciclos de Milankovitch (ver Apêndice 1).

Também há controvérsia em relação à questão relacionada aos primórdios e ao desenvolvimento inicial da linguagem. No entanto, a maioria dos teorizadores contemporâneos sugere que alguma *pré-adaptação* ocorreu durante os períodos pré-humano e *Homo* inicial – pelo menos a partir de cerca de 500.000 a.C. (Foster, 1999; Kay, 1977; Lock & Peters, 1999). Isto parece apoiar a afirmação de Habermas (1979) de que mesmo os hominídeos possuíam "uma linguagem de gestos e sinais de chamada" (p. 134). Outros propõem o canto coral primitivo, o bipedalismo e o uso de *representações simbólicas*, como a pintura rupestre, como bases importantes para o florescimento da linguagem que se desenvolveu no final da Era Glacial (Christiansen & Kirby, 2003). Uma recente compilação de pesquisas internacionais sobre a evolução da linguagem atende, até certo ponto, à pretensão de ser interdisciplinar (Christiansen & Kirby, 2003). No entanto, esta compilação é principalmente concebida no âmbito de um discurso científico não problematizado, com seus clássicos fundamentos darwinianos fisicalistas. Nova luz pode ser lançada sobre esta questão pelas pesquisas de Steiner e Gebser.[12] Conforme indicado na abertura deste capítulo, Steiner (1959/1904) fez a afirmação aparentemente radical de que as primeiras matriarcas – a quem ele chamava de sacerdotisas – ajudaram no desenvolvimento da linguagem inicial, e até mesmo da memória, ao dar início ao canto rítmico e à interpretação da linguagem oculta da natureza – que elas expressavam em "som, tom e ritmo" (p. 82). Pesquisas interdisciplinares recentes sobre as origens da linguagem via música sustentam a afirmação de Steiner de que, antes do *Homo Sapiens*, a protolinguagem assumia a forma de canto rítmico (Merker, 2001; Skoyles, 2000), particularmente iniciado pelas mulheres, como uma extensão do impulso

12. Embora a intenção geral declarada deste artigo seja dialogar hermeneuticamente com as narrativas teóricas de Steiner, Gebser e Wilber, Wilber não desenvolveu muito material sobre esse aspecto da evolução humana, daí por que eu foco mais em Steiner e Gebser.

maternal (Dissanayake, 2005; Mithen, 2007). A este respeito, é feita referência ao papel do *coro síncrono* na evolução do desenvolvimento da linguagem humana (Merker, 2001; Wallin, Merker, & Brown, 2001).

Gebser (1985/1949) afirmou que não havia separação como a que temos hoje entre som e imagem – que os dois fluxos se interpenetravam. A noção de que a natureza fala foi rejeitada durante séculos de racionalismo e empirismo instrumentais, mas está começando a ser reconsiderada juntamente com a recuperação das epistemologias indígenas e da sabedoria xamânica (Nandy, 2000; Sinnott, 2005). Este capítulo concentra-se no período Paleolítico Inferior (ver Tabela C1 a seguir). O final desse período se sobrepõe aproximadamente à transição das primeiras espécies *Homo* para o *Homo Sapiens*.[13] Infelizmente, devido ao isolacionismo disciplinar, esse tipo de conexão raramente é feito na literatura. Conforme discutido anteriormente, apenas os teorizadores de longo alcance consideram que o período Paleolítico Inferior tem alguma importância para a evolução da cultura e da consciência.

13. As origens da espécie *Homo Sapiens* – ou humanos anatomicamente modernos – são datadas de diversas maneiras por diferentes disciplinas entre 200.000 e 100.000 a.C.

Tabela C1: Períodos Culturais Arqueológicos do Paleolítico Inferior às Idades do Bronze e do Ferro

Taxonomia Arqueológica do "Velho Mundo"	Cronologia Aproximada	Descrições e Locações Geográficas	Períodos Culturais Arqueológicos
Paleolítico Inferior	2,5 maa a 180.000 aa[14]	Divisão mais antiga da Idade da Pedra Lascada do Velho Mundo	*Acheuliano* – Velho Mundo: África Austral à Índia
Paleolítico Médio	180.000 a 30.000 aa	Divisão média da Idade da Pedra Lascada do Velho Mundo	*Musteriano* – Europa, Ásia Ocidental e África Setentrional
Paleolítico Superior[15]	40.000 a 10.000 aa	Divisão final da Idade da Pedra Lascada da Eurásia e África Setentrional	*Aurignaciano*[16] *Gravetiano Solutreano Magdaleniano, Aziliano*
Mesolítico	12.000 a 10.000 aa	Idade da Pedra Média da Eurásia, antes do Neolítico: variabilidade regional	*Mesolítico* é um termo atualmente contestado por causa de seu Eurocentrismo
Neolítico	10.000 a 5.000 aa	Divisão vaga da Nova Idade da Pedra: variabilidade regional	Neolítico é contestado em termos de seu significado como período cultural
Idades do Bronze e do Ferro	5.000 a 3.000 aa	Significando o uso cultural de metais como cobre, bronze e ferro	*Idades do Bronze* e *do Ferro* também são contestáveis como períodos culturais

Compilado a partir de informações em Bednarik (2007), Schriek, Passmore, Stevenson & Rolao (2007), Seger (2006) e Zong, Chen, Innes & Chen (2007).

14. *maa* significa milhões de anos atrás e *aa* significa *anos atrás*.

15. Para mais detalhes sobre os períodos culturais europeus do Paleolítico Superior, ver Tabela C2.

16. Em algumas classificações, o que é aqui chamado de Aurignaciano é ainda dividido em Aurignaciano Inferior – Chatelperroniano, Aurignaciano Médio – Aurignaciano e Aurignaciano Superior – Gravetiano (White, 2006, p. 270).

Paleoarte[17] de uma Perspectiva Planetária

> Deve-se ter em mente que toda a região entre o Sul/Leste da África, o Levante, no Ocidente, e Java e China, no Oriente, permanece profundamente negligenciada, em termos da sua história [hominídea]. Mesmo assim, não temos outra escolha realista senão assumir que a Índia estava ocupada há pelo menos 1,9 milhão de anos.[18]

Tal como discutido na narrativa principal, os modelos arqueológicos convencionais, utilizados durante grande parte do século XX, teorizavam que a arte e a cultura humanas surgiram numa súbita explosão cultural, no período do Paleolítico Superior[19], primeiramente no Sudoeste da Europa. Esta afirmação sustentava a teoria de substituição de que a espécie *Homo Neanderthalensis*, aparentemente muito primitiva, foi substituída pelos *humanos anatomicamente modernos*, supostamente muito mais sofisticados. A emergente pesquisa contemporânea de campo da *ciência da arte rupestre*[20] tem examinado as evidências deste modelo há mais de uma década (Bednarik, 1992, 1994, 2003b, 2006a, 2006b, 2007). Bednarik argumenta que a paleoarqueologia se apoiou numa história fortemente eurocêntrica até recentemente. A arte rupestre de regiões como *Lascaux*, no sul da França, foi durante algum tempo considerada a primeira evidência de arte humana – e, portanto, de cultura. No entanto, à medida que o discurso vem se tornando mais planetariamente orientado, cada vez mais descobertas arqueológicas estão sendo feitas noutros locais. Algumas das

---

17. *Paleoarte* é o "termo coletivo que descreve todas as manifestações artísticas do passado distante". A expressão mais específica *arte paleolítica* refere-se à "paleoarte sobrevivente do Pleistoceno, desde o Paleolítico Inferior até o final do Paleolítico Superior", conforme classificação do *International Rock Art Glossary* (IRAG), adotada pela *International Federation of Rock Art Organizations* (IFRAO) em 2000 (Bednarik, 2007, pp. 5, 206). O IRAG é publicado em inglês, francês, alemão, espanhol e russo e, em breve, também será publicado em árabe, chinês, grego e português (R. G. Bednarik, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007).

18. O Projeto *Early Indian Petroglyphs* (EIP) é uma *joint venture* entre a *Rock Art Society of India* (RASI) e *a Australian Rock Art Research Association* (AURA). http://mc2.vicnet.net.au/home/eip1/web/eip3.html.

19. Ver Tabela C1.

20. A nova disciplina da *Ciência da Arte Rupestre* parece ter sido estabelecida na década de 1980 com a fundação da *Australian Rock Art Association* (AURA), em 1983, por Robert Bednarik, que foi fundamental no lançamento da revista acadêmica *Rock Art Research* em maio de 1984. Em 1988, o primeiro *Congresso Mundial de Pesquisa de Arte Rupestre* foi realizado em Darwin, Austrália, no qual foi formada a *International Federation of Rock Art Organizations*, que nasceu com nove membros e agora tem 43 organizações-membro, representando muitos milhares de pesquisadores em todo o mundo (R.G. Bednarik, 2007, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007).

descobertas recentes, especialmente na Índia, na Austrália e na Europa Centro-Oriental e, claro, na África, são anteriores aos sítios europeus. O arqueólogo português João Zilhão afirmou que a diversidade de descobertas recentes em todo o mundo sugere que "a base genética e cognitiva correspondente deve ter estado presente no gênero *Homo* antes da separação evolucionária entre as linhagens neandertais e humanas modernas" (Zilhão, 2007, Resumo). Descobriu-se que diversas formas de arte rupestre – manuportes [artesanato primitivo], uso de pigmentos coloridos, contas e petróglifos – são significativamente anteriores à arte rupestre europeia mais antiga do Paleolítico Superior (c. 32.000 a.C.) (Bahn, 2005; Bednarik, 2003b; 2006b, 2006c; 2006d, 2007; Reddy, 2006).

Pré-humano,[21] Paleolítico Inferior[22] — Coleção de Manuportes Interessantes

À medida que a pesquisa de paleoarte se torna mais difundida, a descoberta e identificação de artefatos artísticos e culturais leva-nos a paisagens temporais cada vez mais antigas. Bednarik documentou descobertas arqueológicas indicando que a Paleoarte mais antiga na verdade é anterior ao *Homo Sapiens* e pode ser atribuída ao final do período geológico do Plioceno.[23] O mais antigo manuporte conhecido é o seixo Makapansgat[24] da África Meridional, datado entre 2,5 e 3 milhões de anos atrás (Bednarik, 2003b). (Ver Figura C1.) Embora não seja um exemplo de modificação manual de um objeto, os valores inerentes implícitos na coleta de um tal peça de formato icônico sugerem uma forma incipiente de consciência reflexiva. Ela poderia ser considerada como a primeira evidência de protoestética e pensamento simbólico em pré-humanos (Bednarik, 2007, p. 178).

---

21. É notável que essa descoberta esteja no âmbito do contestado período limítrofe entre as espécies *pré-Homo* e as primeiras espécies *Homo*, como o *Homo Habilis* e o *Homo Rudolfensis* que, de acordo com registros fósseis, habitaram primeiramente a África na época do Plioceno, pouco mais de 2 milhões de anos atrás (Lock & Peters, 1999). Entretanto, atualmente, a condição *Homo* desses primeiros hominídeos também está sob revisão (Key, 2000; Wood & Collard, 1999).

22. Ver Tabela C1.

23. O Plioceno é o período geológico anterior ao Pleistoceno – também conhecido como Idade do Gelo – que começou c. 1,8 milhão de anos atrás (Bednarik, 2007, p. 208).

24. O seixo de Makapansgat, com duas ou três faces, teria sido recuperado a muitos quilômetros da caverna onde foi encontrado e levado de volta à base de origem do *Australopithecus africanus* ou de um hominídeo bem primitivo, presumivelmente por causa de suas marcas naturais surpreendentes e sua cor vermelha. Descoberto pela primeira vez em 1925, identificado como paleoarte em 1974 e, posteriormente, examinado em 1998 microscopicamente por Bednarik (2003b, p. 97).

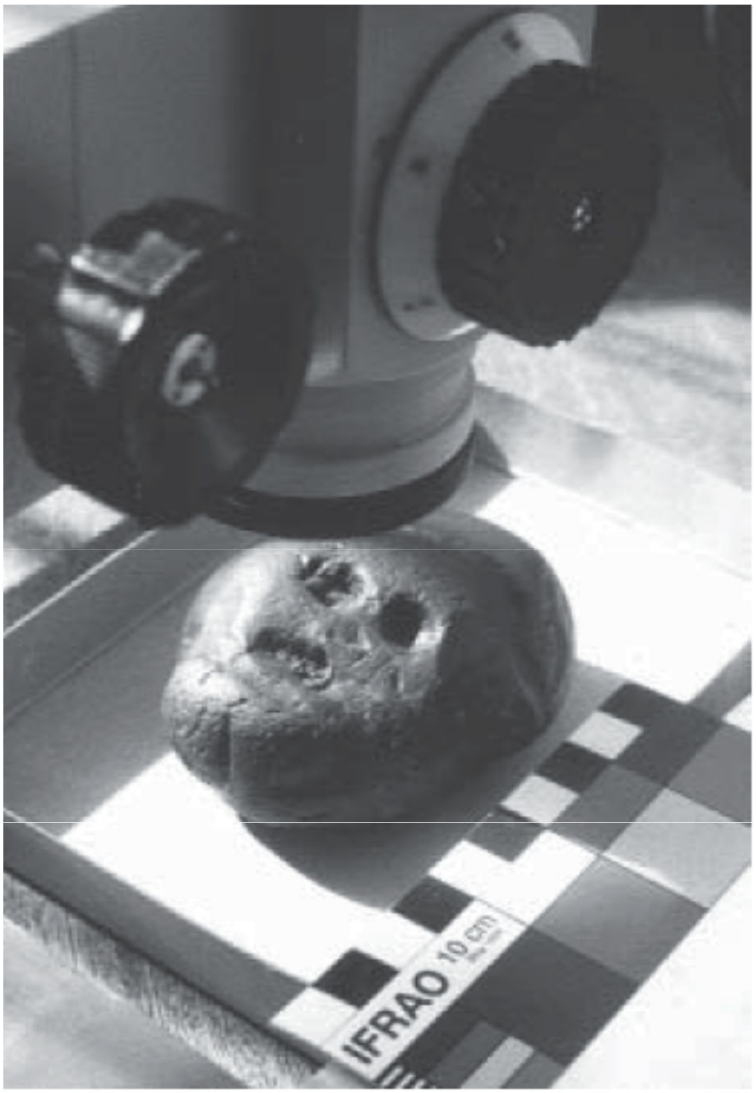

Figura C1: Seixo Makapansgat[25]

África Meridional > 2,5 milhões AP

25. Em "The Earliest Evidence of Palaeoart", de R. G. Bednarik, 2003b, *Rock Art Research, 20(2)*, p. 97. Direitos autorais 2003 de Robert G. Bednarik. Reimpresso sob permissão.

Figura C2: Protofigura Mais Antiga Conhecida[26]

Bir Tan Tan, Marrocos > 300.000 AP

Homo Ergaster/Erectus,[27] **Paleolítico Inferior — Coloração, Modelagem, Gravação**

Como uma extensão do passatempo de colecionar objetos interessantes – e ainda dentro da faixa temporal *pré-Sapiens* – parece que o *Homo Ergaster/Erectus* começou a modificar objetos naturais icônicos. Isto pode parecer notável com base nas visões arqueológicas convencionais do primitivismo do *Homo Ergaster/Erectus*. Entretanto, psicólogos evolucionários afirmam que as espécies exibiam padrões de dispersão sem precedentes. Especificamente, o *Homo Ergaster/Erectus* imigrou para muitas regiões do mundo habitável (e.g., Oriente Médio, China, Indonésia e Europa Meridional) (Sedikedes, Skowronski & Dunbar,

---

26. Em "The Earliest Evidence of Palaeoart", de R. G. Bednarik, 2003b, *Rock Art Research, 20(2)*, p. 97. Direitos autorais 2003 de Robert G. Bednarik. Reimpresso sob permissão.

27. O que é geralmente conhecido na Paleoantropologia como o período *Homo* médio foi dominado pelo *Homo Ergaster/Erectus* – que surgiu na África e na Eurásia, durante a transição Plio-Pleistoceno (2 milhões a 200.000 AP) (Key, 2000; Lock & Peters, 1999; Wood & Collard, 1999).

2006). Embora sua presença nesses locais seja agora amplamente aceita no discurso arqueológico, a forma como ele os atingiu ainda é discutida.

Surgiram novas evidências – que ainda requerem mais fundamentação – sugerindo que extensas viagens marítimas podem ter sido realizadas por hominídeos desde 800.000 anos AP, permitindo a ocupação da Ilha das Flores na Indonésia e do Timor (Bednarik, 2003a). Sincronicamente, o primeiro uso de pigmento colorido foi rastreado a cerca de 800.000-900.000 AP na África Meridional e possivelmente na Índia (Bednarik, 2003b, 2006b, 2007); o uso de fragmentos de ocre foi datado de pelo menos 380.000 AP no sul da França, com especulações quanto ao seu possível uso como giz de cera ou para fins medicinais (Watson, 2005, p. 28); e uma coleção de pequenos prismas de cristal foi descoberta na Índia num período semelhante (Bednarik, 2003b, 2007). As afirmações de Bednarik sobre a natureza simbólica dessas atividades são consistentes com as afirmações recentes da psicologia evolucionária de que os fundamentos da linguagem estavam relativamente evoluídos aproximadamente há 500.000 anos (Dunbar, 2003; Foster, 1999). Isto também tem sido relacionado com a evolução do conceito do eu: "o eu humano já estava substancialmente estabelecido com o aparecimento dos humanos arcaicos por volta de 500 kaa[28] e, portanto, seus primeiros vislumbres podem já ter começado a surgir nos estágios finais do período do *Homo Ergaster/Erectus*" (Sedikedes, Skowronski & Dunbar, 2006, p. 66).

A modificação de objetos icônicos – um tipo de atividade protoescultórica – parece ter começado há aproximadamente meio milhão de anos. Alguns dos mais notáveis são o seixo modificado em forma de mulher de *Berekhat Ram*, Colinas de Golan, Israel, datado de 233.000-470.000 AP, e o objeto de quartzito natural em forma humana, que foi modificado por marcações gravadas e pela adição de pigmento vermelho de *Bir Tan Tan*, sul de Marrocos, datado de 300.000-500.000 AP (ver Figura C2) (Bednarik, 2003b, 2006b, 2007). Mais ou menos na mesma época, c. 350.000 AP, um sítio em *Bilzingsleben*, Alemanha, composto por três habitações redondas (Watson, 2005), revelou uma variedade de objetos gravados, como ossos, marfim e fragmentos de pedra (Bednarik, 2003b). Acredita-se que esse sítio alemão tenha sido significativo para o *Homo Heidelbergensis*, descendente bem-sucedido do *Homo Ergaster* e progenitor do *Homo Neanderthalensis* na Europa e do *Homo Sapiens* na África (Mithen, 2007). Sincronicamente, lajes de basalto gravadas foram identificadas na África Meridional (c. 260.000-420.000 AP) (Bednarik, 2003b). Esses artefatos são

28. "kaa" refere-se a milhares de anos atrás.

particularmente interessantes em termos de origens, pois parecem ter sido produzidos no período de existência do *Homo Erectus*, mas após o surgimento do *Homo Heidelbergensis*, identificado na África e na Eurásia (500.000-100.000 AP) (Key, 2000; Lock & Peters, 1999; Wood & Collard, 1999). O arqueólogo Steven Mithen observou que foi durante esse período – de aproximadamente 600.000 a.C. – que o tamanho do cérebro começou a aumentar rapidamente[29], pela primeira vez desde o aparecimento do *Homo Ergaster*, cerca de um milhão de anos antes (Mithen, 2007, p. 158).

Petróglifos do Paleolítico Inferior

A arte rupestre mais antiga conhecida, em qualquer lugar do mundo, foi encontrada apenas nos últimos anos na Caverna do Auditório, em Bhimbetka, Índia. De forma muito simples, com uma cúpula (ou taça pequena) e um sulco longo e sinuoso (ver Figura C3), é consistente com o Período Acheuliano[30] indiano, 290.000 a 350.000 anos atrás (Bednarik, 2003b). Esse antigo petróglifo é aparentemente a primeira representação das duas formas arquetípicas – um círculo e uma linha – que compõem o mundo inteiro da forma. O significado religioso desses arquétipos continua a ser enfatizado em tempos mais recentes nos rituais da caligrafia Zen japonesa[31].

Pingentes e Contas do Paleolítico Inferior

Os primeiros manuportes eram principalmente coleções de objetos naturais não modificados, ou objetos naturais de formato icônico que foram ligeiramente modificados, aparentemente para melhorar sua forma icônica – ao invés de objetos feitos à mão. Os primeiros objetos artesanais encontrados sugerem os primórdios de ornamentos corporais. Eles incluem pingentes feitos de um *canino de lobo perfurado* e uma *ponta de osso*, já há 300.000 anos, na Áustria (R. G.

---

29. Enquanto o tamanho craniano do *Homo Ergaster* primitivo parece ter sido entre 500-800 centímetros cúbicos, na época do *Homo Heidelbergensis*, o tamanho craniano parece ter aumentado para 1.000-1.200 centímetros cúbicos. Um novo salto de crescimento ocorreu na época do *Homo Sapiens* – 1.500-1.600 centímetros cúbicos – com o tamanho craniano do *Homo Neanderthalensis* sendo ainda maior (1.600-1.800 centímetros cúbicos) (Mithen, 2007, p. 159). Indiscutivelmente, a expansão do tamanho craniano cessou aproximadamente em 200.000 AP (Hodgson, 2000).

30. O Perído Acheuliano é o mais antigo período cultural classificado (ver Tabela C1).

31. A prática ritual de desenhar *ichi* (um) e *enso* (um círculo) faz parte da filosofia Zen expressa na caligrafia. http://www.mediamatic.nl/magazine/8_4/joshi-letterforms/joshi-3e.html.

Bednarik, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007), e contas de casca de ovo de avestruz, feitas há 200.000 anos na Líbia, norte da África (ver Figura C4). Em extensos experimentos de replicação, Bednarik demonstrou o alto nível de habilidade manual e paciência necessários para criar as contas de casca de ovo de avestruz, e também observou o senso de forma geometricamente perfeito que os autores deveriam ter (Bednarik, 2006d).

Figura C3: Petróglifo Mais Antigo Conhecido[32]

Bhimbetka, Índia > 200.000 AP

32. Em "The Earliest Evidence of Palaeoart", de R. G. Bednarik, 2003b, *Rock Art Research, 20(2)*, p. 92. Direitos autorais 2003 de Robert G. Bednarik. Reimpresso sob permissão. O primeiro petróglifo conhecido no mundo, Caverna do Auditório, Bhimbetka, datado de forma muito conservadora como antes de 200.000 AP.

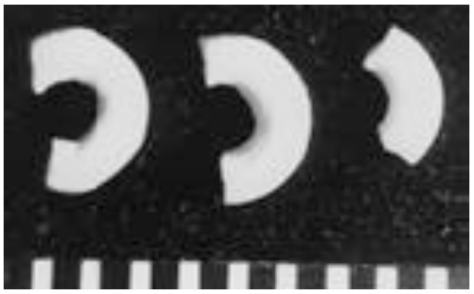

Figura C4: Contas de Casca de Ovo de Avestruz[33]

Líbia, c. 200.000 AP

C3. Uma Transição Mágica – do Som Primordial à Imagem Arquetípica

> Na verdade, a própria obscuridade, dormência, fusão e textura indiferenciada dos sons e raízes primitivos nos dão, no máximo, uma sugestão do que aconteceu além daquele limite temporal que existe entre as estruturas arcaica e mágica e que teve de ser superado durante a formação das primeiras palavras. (Gebser, 1985/1949, p. 124)

A visão de Gebser sobre as origens da linguagem sugeria uma protolinguagem, como fazem muitos pesquisadores contemporâneos. Conforme expresso aqui, Gebser contradiz a *teoria composicional* mais convencional das origens da linguagem, estando alinhado a teorias mais recentes propostas por Steven Mithen – apontando para a pesquisa da linguista Alison Wray – referenciada como a *teoria holística* (Mithen, 2007, p. 3).

De uma perspectiva arqueológica, o presente capítulo centra-se nos períodos Paleolítico Médio e Superior, que são os primeiros períodos durante os quais os humanos anatomicamente modernos começaram a deixar suas marcas no ambiente.

Fundamentos da Fala por meio do Canto e da Música

> Talvez o sentido da audição não seja o principal do ponto de vista fisiológico, mas é, com certeza, mais proeminente no domínio mágico do que o sentido da visão. (Gebser, 1985/1949, p. 126)

---

33. Em *Rock Art Science: The Scientific Study of Palaeoart* (p. 182), por R. G. Bednarik, 2007, Nova Delhi: Aryan Books International. Direitos autorais 2007 de Robert G. Bednarik. Reimpresso sob permissão.

A vertente auditiva da linguagem parece ter sido primária em relação à vertente visual – a linguagem foi expressa pela primeira vez em canto e música natural. Como discutido anteriormente, o cântico, o canto e a dança humanos parecem ter antecedido a fala (Merker, 2001; Skoyles, 2000; Steiner, 1959/1904). É possível que as *Songlines*, ou *trilhas de Dreaming*, dos aborígenes australianos sejam os fenômenos mais próximos que temos hoje das origens da linguagem por meio do cântico e da canção.

> Ao redor de fogueiras, eles repetem lendas do *Dreaming*, histórias que contam como seus Ancestrais se criaram e como caminharam pela terra, falando e cantando cada objeto do mundo natural existente, deixando um rastro ininterrupto de palavras faladas e notas musicais ao longo da trilha de suas pegadas. (Grigar & Barber, 2004, Resumo)

As *Songlines* foram apresentadas a um público mais amplo, há cerca de vinte anos, com a publicação de um livro popular (Chatwin, 1987). Elas não apenas conectam os aborígenes com a terra de seus ancestrais, mas profundamente com a própria terra. As *Songlines* foram descritas como um tipo de mapeamento geográfico e sistema de comunicação entre tribos (Grigar & Barber, 2004).

A história da música também antecede a da palavra escrita e provavelmente ocorreu pela primeira vez como um coro síncrono tendo como pano de fundo o canto dos pássaros e outros sons de animais. Argumenta-se que os Neandertais começaram a usar pedras, estalactites e outros objetos naturais como protoinstrumentos para criar música (Mithen, 2007). Novas pesquisas sobre a origem da música parecem estar acrescentando algum peso às teorias de *longo alcance* da evolução cultural e da consciência (Dissanayake, 2005; Mithen, 2007; Wallin, Merker, & Brown, 2001). Os primeiros instrumentos musicais conhecidos são flautas esculpidas em ossos de pássaros de um sítio em *Geissenklösterle*, no sul da Alemanha, datadas autenticamente[34] pelos arqueólogos Francesco D'Errico e Graham Lawson como 36.000 a.C. (Mithen, 2007).

Arqueólogos na China, pesquisando o sítio neolítico primitivo de *Jiahu*, na província de Henan, afirmam ter encontrado os primeiros instrumentos musicais completos, tocáveis e com múltiplas notas – semelhantes a flautas (Zhang,

---

34. A autenticidade desses artefatos contrasta com as falsas alegações de 1995 de que a flauta mais antiga do mundo tinha sido encontrada na Eslovênia Ocidental e datada de 54.000 anos atrás. Esta afirmação foi desmentida pela análise microscópica do arqueólogo Francesco d'Errico, demonstrando que as perfurações eram naturais e não feitas pelo homem (Mithen, 2007; Watson, 2005, p. 31).

Harbottle, Wang, & Kong, 1999, pp. 367-368). No entanto, os pesquisadores[35] desse sítio neolítico antigo (c. 7.000 a.C.) parecem não ter conhecimento de que flautas muito anteriores já foram identificadas na Alemanha. Além disso, esses artefatos chineses precisam de mais investigação para serem autenticados. As primeiras flautas indianas – as flautas de sete furos – parecem datar da civilização do Vale do Indo, juntamente com vários dos primeiros instrumentos de cordas (Massey & Massey, 1996).

Fundamentos da Escrita por meio da Pintura e da Escultura

> Marcações simples não icônicas aparecem na parte final do Paleolítico Inferior e continuam a ser feitas durante o Paleolítico Médio. Ao longo de um enorme período de tempo, parecem sofrer algumas mudanças no sentido de uma complexidade crescente, mas, no entanto, suas características permanecem notavelmente consistentes: linhas paralelas, linhas convergentes, motivos radiais, ziguezagues ou meandros, padrões de pontos, redes, círculos. (Bednarik, 2003b, p. 102)

A *vertente visual* foi expressa pela primeira vez nas artes visuais por hominídeos modificando objetos naturais por meio de coloração com pigmentos, gravação de petróglifos e modelagem de contas, aparentemente para fins ornamentais – os primeiros encontrados foram apresentados acima. Os petróglifos continuaram ao longo do período Paleolítico Médio e foram complementados, pelo menos desde o Paleolítico Superior, por pinturas rupestres.[36] (Ver Tabela C1 para cronologia.) Essas formas primitivas de consciência pictórica foram seguidas por pictogramas quando a consciência mítica começou a emergir no final do período Neolítico e nas Idades do Bronze e do Ferro. Finalmente, sistemas de escrita completos, como logogramas, silabários e alfabetos, surgiram com o despertar gradual da consciência ego-mente, no primeiro milênio a.C.

---

35. Esse projeto foi apoiado pela Fundação Nacional de Ciências Naturais da China, pelo Departamento de Ciência e Tecnologia da China, pela Academia Chinesa de Ciências e pelo Laboratório de Pesquisa Estrutural da Universidade de Ciência e Tecnologia da China. A pesquisa no Laboratório Nacional de Brookhaven é apoiada pelo Departamento de Energia dos EUA. O artigo completo está disponível online. http://www.shakuhachi.com/K-9KChineseFlutes-Nature.html.

36. Deve-se notar que, embora na teoria arqueológica convencional se acredite que os petróglifos foram uma forma anterior de arte rupestre à pintura rupestre, esta conclusão pode ser resultado de fatores tafonômicos, na medida em que os petróglifos – sendo gravados em pedra – são mais propensos a sobreviver à deterioração do tempo (Bednarik, 1994).

Petróglifos e Gravações do Paleolítico Médio[37]

Antes da descoberta dos petróglifos acheulianos encontrados na Índia, conforme discutido acima, acreditava-se que a maioria dos petróglifos tivessem sido criados durante o período Paleolítico Superior. Entretanto, Bednarik afirma que, durante centenas de milhares de anos antes das icônicas pinturas rupestres do Paleolítico Superior encontradas na Europa, cúpulas não icônicas ou outras gravações padronizadas eram feitas em pedras e outros materiais disponíveis. O fragmento ósseo gravado, retratado na Figura C5, é do sítio *Oldisleben 1*, Alemanha, possivelmente com 120.000 anos de idade. Ele mostra dois conjuntos de linhas subparalelas gravadas com ferramentas de pedra. Um tipo importante de petróglifo, que sobreviveu do Paleolítico Médio, envolve múltiplos usos de cúpulas dispostas no que provavelmente era uma forma significativa. A Figura C6 é uma ilustração de uma grande laje de calcário do túmulo de uma criança *Neandertal*[38], em La Ferrassie, França, com dezoito cúpulas na sua parte inferior, a maioria delas aos pares. É a mais antiga arte rupestre conhecida na Europa, sendo do período *Mousteriano*[39] e, provavelmente, tem de 40.000-70.000 anos (Bednarik, 2003b, p. 98).

Figura C5: Fragmento Ósseo Gravado[40]

Alemanha, c. 120.000 AP

37. Ver Tabela C1.

38. O *Homo Neanderthalensis* parece ter sido a primeira espécie a enterrar cerimonialmente seus mortos.

39. Ver Tabela C1.

40. Em "The Lower and Middle Palaeolithic Origins of Semiotics", de R. G. Bednarik, 2006b, p. 7. Direitos autorais 2006 de Robert G. Bednarik. Reimpresso com permissão.

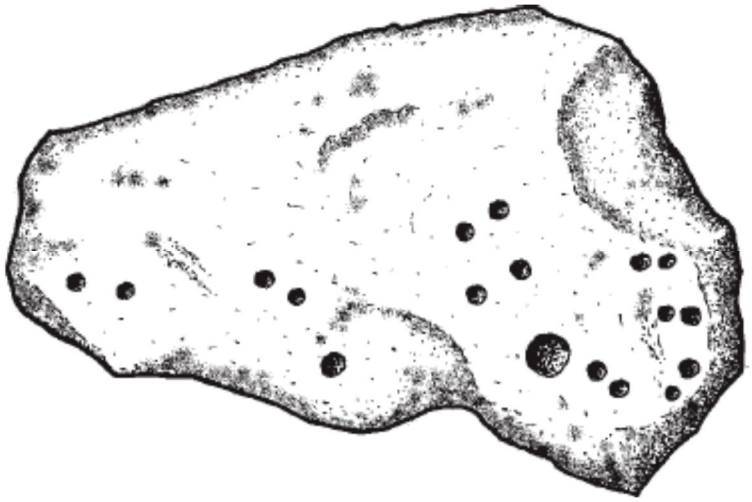

Figura C6: Túmulo de Criança Neandertal,[41]

La Ferrassie, França > 40.000 AP

Arte Rupestre do Paleolítico Médio/Superior

Durante o período do Paleolítico Superior na Europa, desenvolveram-se e consolidaram-se numerosos tipos de arte que poderiam ser considerados como protoescrita – particularmente gravações e pinturas rupestres abstratas e figurativas – à medida que a consciência mágica começava a dar lugar a formas de expressão baseadas em imagens, mais simbólicas. Gebser indicou as características da consciência mágica que podem ser discernidas nas pinturas rupestres, particularmente nas da caça de animais, que ele afirma serem predominantemente mágicas e de feitiçaria (Gebser, 1985/1949). A noção de temas relacionados com a magia na arte rupestre do Paleolítico Superior é uma das várias interpretações que estão sendo consideradas no discurso da arqueologia contemporânea (Conkey, 1999). Dado que o foco principal da investigação arqueológica e paleoantropológica até uma ou duas décadas atrás privilegiava os sítios europeus do Paleolítico Superior – especialmente da Europa Ocidental – a taxonomia de culturas que foi desenvolvida apresenta uma nomenclatura baseada nos nomes dos sítios franceses onde determinada arte foi encontrada. (Ver Tabela C2 a seguir para um resumo das principais classificações.) Uma vez que a arte rupestre europeia do Paleolítico Superior, como as cavernas de *Chauvet* (c. 32.000 AP) e *Lascaux*[42] no sul da França, são bastante conhecidas,

---

41. Em "The Earliest Evidence of Palaeoart", de R. G. Bednarik, 2003b, *Rock Art Research, 20(2)*, p. 98. Direitos autorais 2003 de Robert G. Bednarik. Reimpresso sob permissão.

42. A arte rupestre das cavernas de *Lascaux*, na França, ficou famosa devido ao livro do antropólogo e filósofo francês Georges Bataille, *Lascaux or The Birth of Art* (Bataille, 1955).

esta seção concentrar-se-á na apresentação de artes rupestres menos documentadas da Austrália – algumas das quais ocorreram em um período de tempo semelhante[43] ao da mais antiga arte rupestre da Europa Ocidental.

Algumas das primeiras artes rupestres subcontinentais conhecidas fora da Europa Ocidental são indianas e australianas. A arte rupestre mais antiga de aborígenes australianos foi encontrada nas cavernas de calcário do Monte Gambier, no sul da Austrália, nas regiões de Kimberleys e Pilbara, na Austrália Ocidental, e no Parque Nacional Kakadu, na Terra de Arnhem, perto de Darwin, no Território do Norte. Evidências arqueológicas demonstram que Kakadu tem sido continuamente ocupada por aborígenes australianos há pelo menos 40.000 anos e algumas partes da Terra de Arnhem, há até 60.000 anos.[44] Acredita-se que os petróglifos da caverna Malangine, perto do Monte Gambier, sejam alguns dos mais antigos da Austrália, com mais de 28.000 anos (Bednarik, 2003b, p. 94) (ver Figura C7). As pinturas rupestres de *Gwion Gwion*, de West Kimberleys, na Austrália Ocidental, são algumas das mais notáveis em termos de cor e riqueza, e excepcionais em termos de seu estilo único (ver Figura C8). Embora a datação seja provavelmente do período Holoceno inicial, devido à tecnologia utilizada, esta teria de ser classificada como arte do Paleolítico Médio, do ponto de vista da nomenclatura europeia.

---

43. Deve-se notar que, de acordo com Bednarik, num e-mail pessoal para mim, a nomenclatura europeia não é usada na Austrália. Além disso, ele ressaltou que, se os pesquisadores desejarem utilizá-la, deverão levar em conta o fato de que TODA a tecnologia de ferramentas australiana até meados do Holoceno é de modo 3 – isto é, do Paleolítico Médio. Consequentemente, a maior parte da arte rupestre australiana – mais de 100.000 petróglifos – é tecnicamente do Paleolítico Médio, do ponto de vista da terminologia europeia. Desta perspectiva, há, portanto, *mais* arte rupestre do Paleolítico Médio no mundo do que do Paleolítico Superior (R. G. Bednarik, comunicação pessoal, 23 de novembro de 2007).

44. "O arqueólogo Rhys Jones obteve datas para as primeiras camadas ocupacionais de cerca de 53.000 a 60.000 AP, mais provavelmente a última. . . . As superfícies pintadas e gravadas mais antigas datavam talvez de 40.000 AP, e sinais de artistas trabalhando com tinta ocre, possivelmente já há 60.000 anos [em Nauwalabila]."
http://www.aboriginalartonline.com/art/rockage.php.

Tabela C2: Taxonomia de Períodos Culturais Utilizada para Classificação de Artefatos Arqueológicos da Eurásia durante o Paleolítico Superior

Subdivisões do Paleolítico Superior	Cronologia Aproximada	Locações Geográficas	Taxonomia Cultural Arqueológica Europeia
Paleolítico Superior Inicial	40-28 kaa[45]	Europa Meridional e Oriente Próximo	*Aurignaciano*[46] (em homenagem à Caverna de Aurignac, Pireneus, França)
Paleolítico Superior	28-20 kaa	Europa Oriental, Central e Sudoeste	*Gravetiano (em homenagem a La Gravette, Dordonha, França)*
Paleolítico Superior	19-16 kaa	Sudoeste da Europa	*Solutreano* (em homenagem ao sítio ao ar livre de Solutré, França)
Paleolítico Superior Avançado	16-10 kaa	Europa Central e Ocidental	*Magdaleniano* (em homenagem ao Abrigo de La Magdeleine, Dordonha, França)
Paleolítico Final	11-10 kaa	Sudoeste da Europa	*Aziliano* (em homenagem a Mas d'Azil, Pireneus, França)

Compilado a partir de informações em Bednarik (2007, pp. 201-212) e White (2006, p. 270).

45. *kaa* significa *milhares de anos atrás*.

46. Em algumas classificações, o que é aqui chamado de Aurignaciano é ainda dividido em Aurignaciano Inferior – Chatelperroniano, Aurignaciano Médio – Aurignaciano e Aurignaciano Superior - Gravetiano (White, 2006, p. 270).

Figura C7: Petróglifo Australiano[47]

Malangine, Monte Gambier > 28.000 AP

47. Em "The Earliest Evidence of Palaeoart", de R. G. Bednarik, 2003b, *Rock Art Research 20(2)*, p. 94. Direitos autorais 2003 de Robert G. Bednarik. Reimpresso com permissão. "Petróglifos estilo Karake esculpidos no teto da Caverna Malangine. . . . Eles foram cobertos por uma camada de espeleotema de 15 a 20 mm de espessura, com uma idade estimada de cerca de 28.000 anos AP" (Bednarik, 2003b, p. 94).

Figura C8: Gwion Gwion[48]

Kimberleys, Austrália Ocidental 4.000-10.000 AP

Escultura e Cerâmica do Paleolítico Superior

O Paleolítico Superior parece marcar também o início do que poderíamos chamar de escultura. Isto não obstante os exemplos anteriores de objetos naturais aprimorados do Paleolítico Inferior, que talvez pudessem ser chamados de protoesculturas. Esculturas icônicas totalmente formadas não são encontradas no registro arqueológico até pelo menos 30.000 aa – com exceção da suposta cabeça de urso de *Tolbaga*, na Sibéria, possivelmente alguns milhares de anos antes

48. Os *Gwion Gwion* do povo Ngarinyin, os proprietários tradicionais das terras onde foram encontrados. Eles foram inicialmente chamados de Bradshaws – em homenagem a Joseph Bradshaw, que os observou em 1891, quando perdido em expedição em Kimberleys. http://www.aboriginalartonline.com/regions/gwion-gwion.php. Esta imagem é protegida por direitos autorais de Robert G. Bednarik, *International Federation of Rock Art Organizations* e é usada com permissão. "Pinturas rupestres típicas [Gwion Gwion] da região de Kimberleys, Austrália. Essa arte foi produzida por povos caçadores, mas não apresenta motivos e armas de caça, sendo sua principal preocupação os elaborados cocares e outras parafernálias aparentemente cerimoniais em antropomorfos (apud Welch, 1993). Acredita-se que essas pinturas tenham entre 4.000 e 10.000 anos de idade, mas permanecem inadequadamente datadas" (Bednarik, 2003c).

(Bednarik, 2007). As chamadas *estatuetas de Vênus* do Paleolítico Superior eurasiano são as primeiras esculturas conhecidas, mas há muita controvérsia sobre suas datas, bem como sobre seu significado. Deve-se notar que a expressão *estatuetas de Vênus* é usada para uma vasta coleção de artefatos da tradição *gravetiana*[49] – muitos dos quais não apresentam atributos femininos (Bednarik, 2007). Duas estatuetas notáveis cujo gênero não foi questionado são mostradas a seguir. São de cerâmica e marfim, respectivamente. A *Vênus de Dolní Věstonice* – com cerca de 11 centímetros de altura – é supostamente o artefato cerâmico mais antigo conhecido no mundo, datado do período Aurignaciano[50]. Foi encontrada em 1925 entre *Pavlov* e *Dolní Věstonice* na Morávia, República Tcheca, e foi exibida nos últimos 12 meses no Museu Nacional de Praga (ver Figura C9). A mais famosa, *La Dame à la Capuche* – às vezes também chamada de *Vênus de Brassempouy* – foi minuciosamente estudada microscopicamente e datada do *Gravetiano* (White, 2006, p. 252). Essa pequena escultura de marfim de 3,5 centímetros, encontrada no oeste da França no final do século XIX – embora tecnicamente um busto – é geralmente também referenciada como uma estatueta de Vênus (ver Figura C10).

Figura C9: Vênus de Dolní Věstonice[51]

Morávia, República Tcheca c. 27-31 kaa

49. Para informações sobre a cultura *gravetiana*, consultar a Tabela C1.
50. Para informações sobre a cultura *aurignaciana*, consultar a Tabela C1
51. Esta imagem é de domínio público sob a GNU Free Documentation License. http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Venus_of_Dolni_Vestonice.png.

Figura C10: *La Dame à la Capuche*[52]

Brassempouy, França c. 22-28 kaa

C4. A Imaginação Mítica Tece a História – Origens da Escrita

> Primeiro foi um hieróglifo, isto é, uma escrita com ênfase mítica e só mais tarde, uma escrita de signo ou letra, isto é, mental e abstrativa. Em outras palavras, o significado tinha que ser expresso muito provavelmente pelo som e pela entonação – características acústicas da estrutura mágica – e só posteriormente em pictograma ou signo. (Gebser, 1985/1949, p. 156, nota 6)

Gebser afirmou – conforme indicado nesta citação – que o desenvolvimento da linguagem passou por uma sequência de três estágios de *tom-imagem-signo*, que ele alegou ter ecoado no desenvolvimento da escrita. Steiner apresentou um processo semelhante de três estágios, na medida em que se referiu ao primeiro estágio do desenvolvimento da linguagem como estando relacionado com as nossas primeiras tentativas de imitar o componente sonoro daquilo que experienciamos no mundo exterior – expresso como canto e música; em segundo lugar, que começamos a transformar a experiência sonora interiormente em imagens simbólicas – externalizadas como pictogramas e hieróglifos; só então, a

---

52. Esta imagem é de domínio público.
http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Venus_of_Brassempouy.jpg.

partir de uma consciência conceitual mais abstrata, fomos capazes de criar conceitualmente signos abstratos, como alfabetos. Ele também indicou que, no período cultural atual, precisamos avançar conscientemente para além da abstração mental em direção a um maior desenvolvimento de concepções imaginativas simbólicas – mas está para além do escopo deste apêndice perseguir esta afirmação (Steiner, 1983a/1930, p. 9).

Embora existam muitas definições possíveis para o conceito de escrita, a definição ampla aqui apresentada foi proposta por Gelb (2004): "um sistema de intercomunicação por meio de marcas visíveis convencionais" e citada no artigo de Postgate (2005, p. 276). Os linguistas tendem a identificar quatro métodos principais de fazer registros ou comunicar informações: pictogramas/ideogramas, logogramas/signos de palavras, signos silábicos e alfabetos (Hooker, 1990, p. 6). Pictogramas e logogramas começaram a surgir no final do quarto milênio a.C. e se desenvolveram em diversas regiões durante o terceiro e o segundo milênios a.C. Eles são associados à consciência mítica por Steiner, Gebser e Wilber, assim como os primeiros sistemas de escrita que combinavam logogramas com signos silábicos – signos correspondentes a sons na língua– na escrita da Suméria, Egito, China e Maia Mesoamericana (Houston, 2004). Os alfabetos, no entanto, só surgiram no primeiro milênio a.C., na Grécia, com base no protoalfabeto fenício que surgiu em Creta algumas centenas de anos antes (Hooker, 1990; Poletti, 2002). A literatura sobre as origens da escrita – tal como o discurso sobre as origens humanas – é vasta, cresce exponencialmente e é um tanto controversa. Como uma análise completa está muito além do escopo deste apêndice, indicarei importantes publicações recentes que podem direcionar o leitor para algumas das principais questões envolvidas.

Existem várias questões contestadas em relação às origens da linguagem:

• A noção filológica tradicional de que a protoescrita é apenas "uma representação deficiente da linguagem" *versus* a perspectiva epistemológica de que a protoescrita é antes um "meio bem-sucedido de representar o conhecimento e transmiti-lo" entre indivíduos e gerações (Damerow, 2006, p. 2);

• *Mono*gênese – a noção de que a linguagem foi inventada apenas uma vez – *versus poli*gênese – a noção de que a protoescrita surgiu em lugares diferentes sem contato direto entre si. "O surgimento da escrita indiana, da escrita chinesa ou da escrita maia. . . não pode ser facilmente relacionado a modelos de monogênese e difusão" (Damerow, 2006, pp. 2, 9);

• O papel das estruturas linguísticas *versus* o papel das estruturas e mecanismos não linguísticos – estes últimos exemplificados no cuneiforme administrativo, sem dúvida a forma mais antiga de protoescrita (Damerow, 2006, p. 9);

• O papel dos aspectos simbólicos, pictóricos e representacionais, como exemplificados nos glifos egípcios e maias, *versus* os aspectos mais gráficos dos sistemas mesopotâmico e chinês (Baines, 2004, p. 172);

• Fatores *tafonômicos* são importantes em toda a Paleoarte, conforme discutido anteriormente (Bednarik, 1994) e também na história da protoescrita, em que se acredita que fora da Mesopotâmia, onde tabuletas de argila eram usadas para escrita, "muito do desenvolvimento inicial da escrita foi perdido porque a maioria dos documentos foram redigidos em materiais perecíveis (Postgate, 2005, p. 278).

Damerow criou um diagrama esteticamente agradável que descreve as principais fases da protoescrita de uma perspectiva planetária (ver Figura C11).

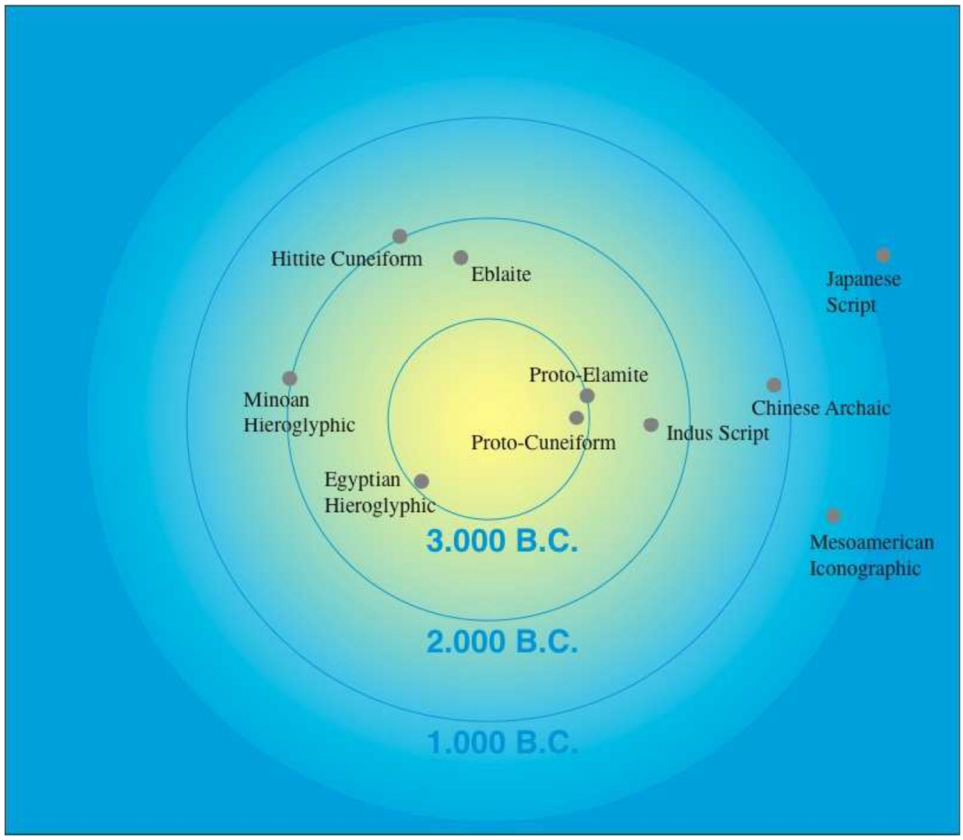

Figura C11: Mapa Histórico-Geográfico das Primeiras Comprovações de Escrita[53]

53. De "The Origins of Writing as a Problem of Historical Epistemology", por Damerow (2006), *Cunieform Digital Library Journal, 1*, p. 3. Direitos autorais 2006 de Peter Damerow. Reimpresso com permissão.

Protoescrita Pictográfica/Ideográfica

Escritos pictográficos (nos quais os grafemas são imagens icônicas) geralmente não são classificados como sistemas de escrita completos. A maioria dos linguistas afirma que um sistema de escrita não pode ser completamente pictográfico ou ideográfico, mas, sim, deve ser capaz de referir-se diretamente a uma língua para ter toda a capacidade expressiva de uma linguagem. Embora os detalhes das cronologias exatas sejam palpitantes – e talvez debatidos territorialmente – a escrita pictográfica inicial foi encontrada na Suméria, Egito, China, Mesoamérica e nas regiões do Vale do Indo.

A escrita do Indo (ver Figura C12) é um sistema pictográfico que se desenvolveu entre 2.700-2.500 a.C., à medida que a cultura Harappan inicial fazia a transição para a Civilização Madura do Indo. Por volta de 2.000-1.900 a.C., a Civilização do Indo chegou ao fim no Vale do Indo, o que levou também ao desaparecimento da escrita do Indo (Parpola, 2005, p. 31). Também existiram formas pictográficas anteriores de escrita em argila em Uruk, talvez já em 3.300 a.C., o que pode ter lançado as bases para o cuneiforme posterior em forma de placas (Hooker, 1990, p.19) (ver Figura C13).

Figura C12: Escrita do Indo Pashupati[54]

Vale do Indo 2.700-2.500 a.C.

54. O selo Pashupati, Vale do Indo, com a figura sentada denominada Pashupati. A escrita acima está inscrita no roteiro do Indo maduro. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Indus_script.

Figura C13: Cuneiforme Pictográfico[55]

Suméria c. 2.600 a.C.

Escritas pictográficas ainda existentes são encontradas entre o povo *Micmaq* da primeira nação norte-americana, o *Nahuatl* asteca e o povo *Naxi* sino-tibetano.

Sistemas de Escrita Logográfica e Silábica

Embora precedidos por sistemas pictográficos prévios, são considerados os primeiros sistemas completos de escrita baseados em linguagem: Cuneiforme Sumério (Ver Figura C14), Hieróglifos Egípcios (Ver Figura C15), Hanji Chinês (Ver Figura C16) e Glifos Maias (Ver Figura C17). O Hanji chinês foi usado para textos curtos em vasos de bronze e no sistema de ossos oraculares da Dinastia Shang (c. 1.200 a.C.) (Trigger, 2004, p. 50). Num livro editado recentemente, *The First Writing*, o antropólogo Stephen Houston (2004) apresenta-os como os primeiros escritos sistemáticos que representam unidades de som e significado. Como um especialista na escrita maia, suas afirmações de que os primeiros textos maias não são meros logogramas foram um choque para as noções tradicionais do desenvolvimento mesoamericano pré-colombiano. Ele afirma que os escritos maias são "linguisticamente equipados, com pronomes ergativos, sufixos

55. Inscrição suméria em estilo arcaico monumental, c. Século 26 a.C. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Cuneiform_script.

possessivos e instrumentais, como qualquer coisa vista nas inscrições do *Oracle Bone* [chinês]" (p. 351). Todos esses quatro sistemas parecem combinar características logográficas, silábicas e determinativas.

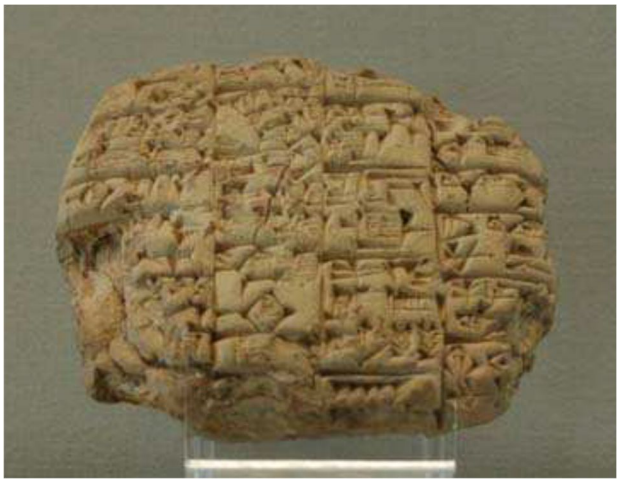

Figura C14: *Carta* Cuneiforme em Argila[56]

Telloh (Girsu), Iraque c. 2.400 a.C.

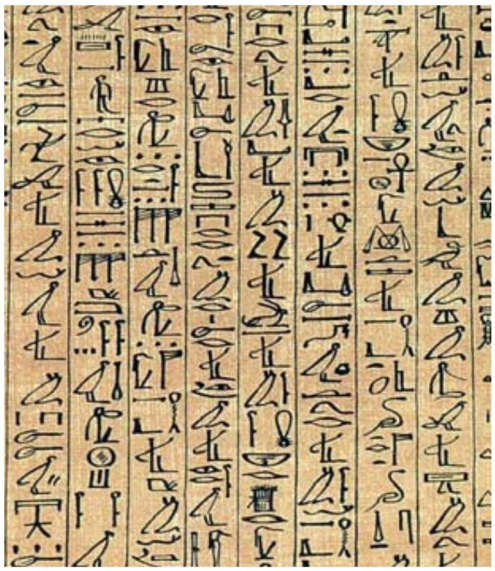

Figura C15: Papiro de Ani[57]

Egito, 19ª Dinastia c. 1.300 a.C.

---

56. Carta cuneiforme enviada pelo sumo sacerdote Lu'enna ao rei de Lagash (talvez Urukagina), informando-o da morte de seu filho em combate. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Letter_Luenna_Louvre_AO4238.jpg.

57. O *Papiro de Ani* é o texto egípcio original do *Livro Egípcio dos Mortos*. Está escrito em hieróglifos cursivos, geralmente reservados para textos religiosos. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Egyptian_hieroglyphs.

Figura C16: Inscrições Oracle Bone[58]

China, Dinastia Shang c. 1.200 a.C.

Figura C17: Glifos Maias[59]

Palenche, México c. 400-700 AC

---

58. *Oracle Bone* sobre *o Sol*, de uma exposição no *Chabot Space and Science Center* em Oakland, Califórnia. Esta imagem é de domínio público sob a GNU Free Documentation License. http://en.wikipedia.org/wiki/Image:OracleSun.JPG.

59. Glifos maias em estuque no *Museo de Sitio* em Palenque, México. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Mayan_glyphs.

Com relação às origens da escrita, um ponto de distinção significativo está começando a ser levantado entre os sistemas mais simbólicos, como os glifos egípcios e maias, que mostram uma abordagem para desenvolver escritos e integrá-los à alta cultura, e os sistemas mais gráficos, como o mesopotâmico e o chinês (Baynes, 2004, p. 172). O reconhecimento desses diferentes tipos de escrita antiga abre novos caminhos potenciais para considerar outros sistemas de gravação complexos também como sistemas de escrita – mais notavelmente o *Khipu* inca.

Sistemas de Gravação *Cord*[60]

O *khipu*[61] (ou *quipu*) é um artefato têxtil que apresenta um sistema complexo de cordões e nós de cores diferentes (ver Figura C18). A arqueóloga italiana Laura Minelli postulou que dois jesuítas italianos, que iniciaram o processo de decifração entre 1610 e 1638, identificaram o khipu como um sistema de escrita. Segundo Minelli, os jesuítas afirmaram: "Havia khipus que diferiam dos usados para contabilidade. Esses assim chamados *khipus reais*[62] tinham elaborados símbolos tecidos, que pendiam de um cordão principal" (Domenici & Domenici, 1996) (ver Figura C19). A autenticidade desta afirmação ainda está em discussão. O antropólogo Gary Urton refere-se ao *khipu* inca como "um sistema integrado de conhecimentos, habilidades e práticas comunicativas que, acredito, se qualificaria, aos olhos da maioria dos teorizadores da escrita e da alfabetização, como um sistema de escrita" (Urton, 2003). Urton também o decifrou suficientemente para afirmar que ele era basicamente estruturado como um código binário, como os sistemas de codificação usados na linguagem atual de computadores.[63] Este fator parece sugerir que ele pode ter sido um sistema de escrita simples em combinação com um sistema de contagem. Antigamente, pensava-se que esse sistema de escrita dos Incas estivesse em uso apenas no auge da civilização inca (séculos XIV a XVI d.C.), mas descobertas recentes no litoral do

---

60. É interessante notar a etimologia da palavra "cord" como sufixo no verbo "record" [gravar], do latim: *recordari* "lembrar, trazer à mente", de *re-* "restaurar" + *cor* (gen. *cordis*) "coração" (como sede metafórica da memória, cf. *saber de cor*). www.etymonline.com.

61. *Khipu* é a grafia quíchua. *Quipu* é a grafia espanhola. Para obter mais informações sobre o estado atual da pesquisa acadêmica, consulte o *Khipu Database Project*, financiado em 2002-2004 pela *National Science Foundation* e *Harvard University*, e em 2004-2005, pela *National Science Foundation*. http://khipukamayuq.fas.harvard.edu/DatabaseProj.html.

62. Supostamente, a maior parte dos *khipus reais* foram queimados pelos invasores espanhóis.

63. Para mais informações sobre *khipu*, o livro de Gary Urton (Urton, 2003) pode ser baixado de http://www.utexas.edu/utpress/excerpts/exurtsig.html.

Peru sugerem muito antes. Ruth Shady, uma arqueóloga que lidera pesquisas na cidade costeira peruana de Caral, afirma que foram encontrados khipus entre um tesouro de artigos descobertos no local com cerca de 5.000 anos de idade.[64] Esta afirmação exigirá uma pesquisa considerável para estabelecer sua veracidade. No entanto, se a afirmação for considerada válida, então sugeriria que o sistema de contagem inca foi anterior às tábuas de contagem babilônicas e greco-romanas[65], que já haviam precedido o *ábaco* chinês em aproximadamente 1.500 anos.

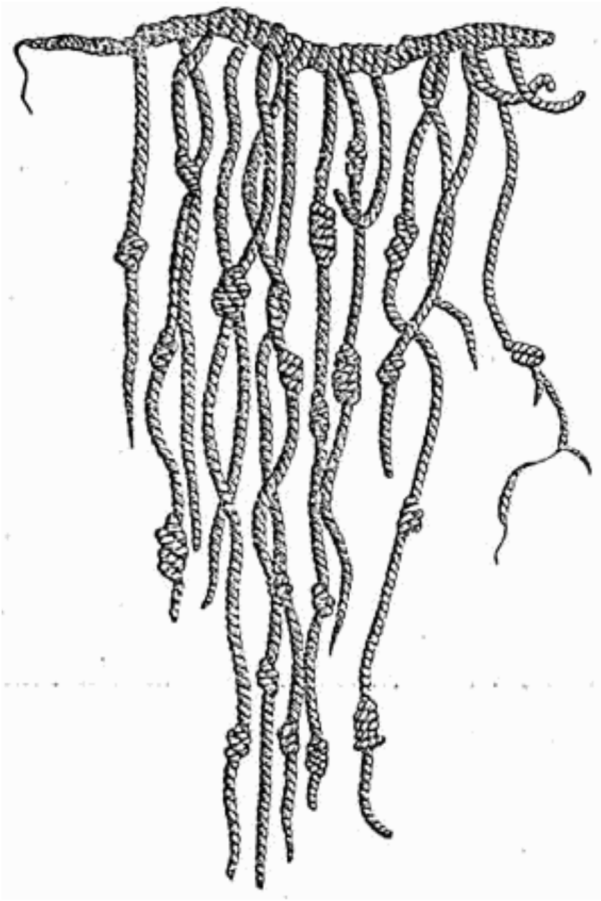

Figura C18: Khipu Simples[66]

Peru c. 1.400-1532 d.C.

---

64. Mais informações sobre o khipu peruano podem ser encontradas em uma reportagem da *South African Broadcasting Commission*. Caral: antiga cidade do Peru revela "escrita" de 5.000 anos, 19 de julho de 2005, 22:45, SABC News.

65. A *Tábua de Salamina* (300 a.C.) foi a primeira tábua de contagem conhecida e aparentemente foi inventada pelos babilônios. Seguiram-se as tábuas de contagem grega e romana, e o ábaco europeu medieval, enquanto o ábaco chinês originou-se em 1.200 d.C., seguido pelo japonês e russo. Há também sugestões de que os astecas já possuíam um ábaco portátil por volta de 1.000 d.C. Existem referências (em espanhol) listadas em http://www.geocities.com/a1ma_mia/abacus/.

66. Um khipu simples provavelmente usado para cálculo. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Quipu.png.

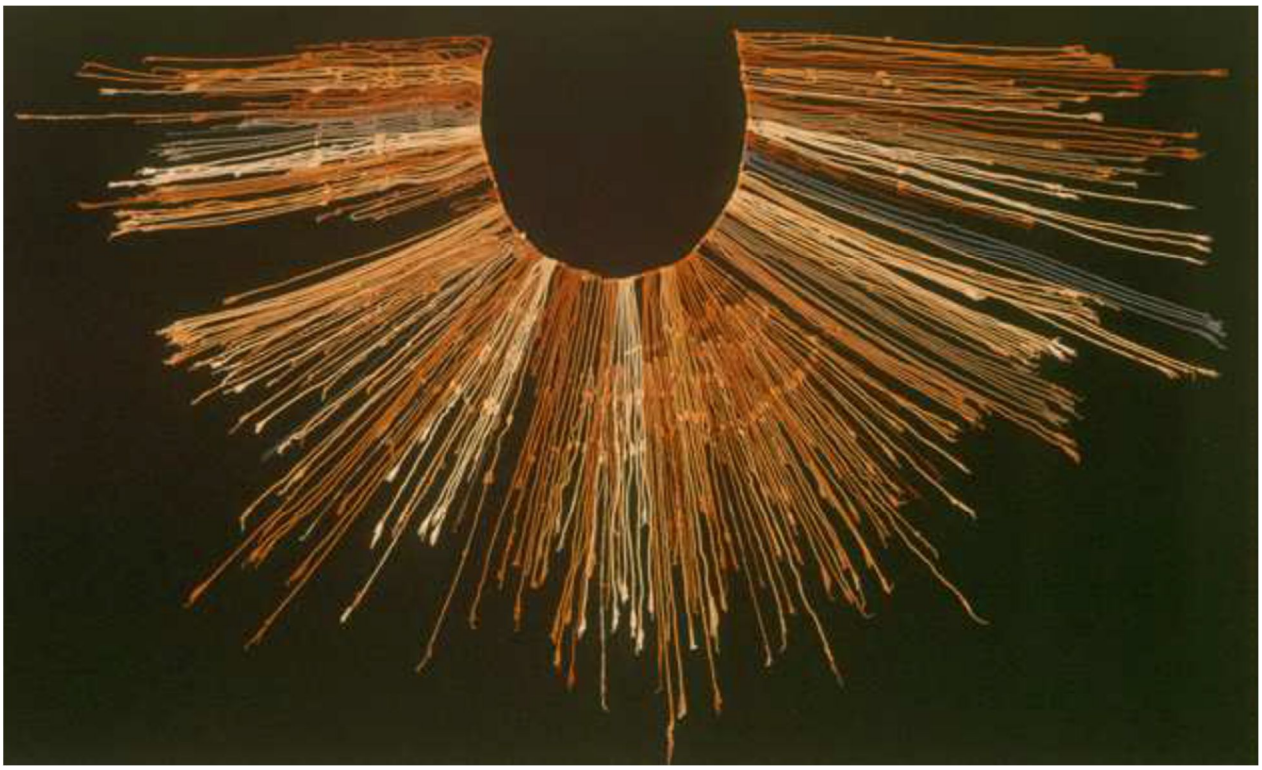

Figura C19: Possivelmente um Khipu Real[67]

Museu Larco, Lima, Peru

Rumo aos Alfabetos

O primeiro alfabeto completo[68] na Grécia, c. 800 a.C., evoluiu para a versão romana, que é o alfabeto usado hoje para o inglês e a maior parte da escrita da Europa Ocidental. Linguistas afirmam que o alfabeto grego se desenvolveu a partir de hieróglifos egípcios, por meio de uma série de outros protoalfabetos, como o Proto-Cananeu (c. 1.400 a.C.) e o Fenício (c. 1.100 a.C.) (Hooker, 1990). A situação é muito mais complexa em relação a outros sistemas de escrita, indo além do escopo deste apêndice, que pretendeu focar no desenvolvimento da linguagem *pré-alfabetizada* por meio da arte.

---

67. Um elaborado khipu mostrando fios de cores diferentes e nós posicionados de várias maneiras, sendo possivelmente um khipu real. Esta imagem é de domínio público. http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Inca_Quipu.jpg.

68. Alfabetos completos consistem em consoantes e vogais. Os protoalfabetos primitivos – chamados de *abjads* – consistiam apenas em consoantes. Um desenvolvimento semelhante aparentemente ocorreu na evolução da linguagem, embora muito antes (Foster, 1999; Kay, 1977).

C5. Alfabetização e Além – Rumos Futuros para a Linguagem como Arte

A discussão ilustrada acima pretendeu apresentar um corte transversal da Paleoarte e artefatos pré-históricos que demonstram um notável grau de sensibilidade estética – para não mencionar outras qualidades e faculdades – dos humanos primitivos e até mesmo de nossos antecessores, muito antes da invenção do alfabeto e do que é geralmente chamado de alfabetização.[69] Até aquele momento – por volta de 1.000 a.C. – de acordo com a narrativa desenvolvida no artigo principal, a consciência humana era de uma natureza diferente da que é hoje. Os modos de consciência arcaico, mágico e mítico, discutidos anteriormente, foram superados em muitas partes do mundo – mas de forma significativa para a história europeia, na Grécia e Roma Antigas, onde a escrita baseada em alfabetos começou a se desenvolver seriamente (Poletti, 2002). Talvez a característica mais notável do desenvolvimento da consciência, que surgiu com o modo de pensamento intelectual-mental-racional, é que ela levou à dissolução da magia prévia, mais unitiva, e da consciência mítica, naquilo que hoje assumimos naturalmente como faculdades mais ou menos separadas – fala, escrita, artes visuais e música. Antes do primeiro milênio a.C., essas faculdades e os processos e produtos a elas associados estavam muito mais estreitamente interligados do que na maioria dos humanos *modernizados* dos séculos XX e XXI – como indicado nas ilustrações anteriores. A *maior* unidade estava na Paleoestética dos primeiros seres humanos e a *menor* integração dessas faculdades tem sido evidente nos últimos duzentos anos – com indivíduos-chave, ao longo do caminho, sendo exceções multidimensionais. Esses últimos são frequentemente chamados de homens/mulheres da Renascença, indicando a integração de seus intelectos com a arte, a música e a espiritualidade. A narrativa que apresentei ao longo deste apêndice e de todo o artigo aponta para uma reintegração emergente dessas faculdades humanas fundamentais – por meio da integração da consciência pós-formal-integral-planetária. O futuro indicado seria aquele em que a linguagem se tornasse novamente artística, mas também rica de conteúdo conceitual, organização e clareza, que podem surgir da integração da criatividade estética *e* da conceituação mental.

---

69. Para uma crítica pós-colonial do eurocentrismo sobre os conceitos modernistas de *alfabetização*, tidos como certos, ver a agenda *Educação para Todos* do Banco Mundial (Gidley, 2001b; Jain & Jain, 2003b).

C6. Conclusão

Da perspectiva assumida neste apêndice, convido a uma apreciação mais profunda da sensibilidade estética como uma das características centrais que nos distingue como seres humanos. A antropóloga da arte e da cultura Ellen Dissanayake refere-se aos humanos como *Homo Aestheticus* (Dissanayake, 2003). Gebser e Steiner ressaltam a importância da atuação estética/artística, por meio de formas renovadas de escrita poética erudita como parte da nova consciência emergente. Edgar Morin parece ter uma ideia semelhante com o uso de seu termo *Homo Poeticus*, (citado em De Siena, 2005). Este apêndice aponta para a necessidade de mais pesquisas nesta área. Existem múltiplas implicações teóricas que podem ser extraídas dos dados acima. Não cabe num apêndice como este tentar dar coerência teórica a esta evidência. Meu interesse principal foi apresentar algumas das evidências criticamente subestimadas da sensibilidade estética emergente dos hominídeos, e as diversas fases de florescimento estético que os humanos pré-alfabetizados demonstraram, como potenciais contraindicações ao encerramento prematuro de discussões teóricas, tanto de narrativas biológicas *a partir dos macacos* quanto de narrativas de *explosão cultural* do Paleolítico Superior. É óbvio que são necessárias mais pesquisas e teorizações delicadas para adentrar, fenomenológica e hermeneuticamente, o significado mais profundo dessas evidências.